

# PROCESSO DE EXPANSÃO DO ESTRANGEIRISMO NO BRASIL <sup>1</sup>

Nivia Santos Cruz, Marilda dos Santos Conceição e Mile de Assis<sup>2</sup>

## 1. INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como finalidade demonstrar a influência da Língua Inglesa no nosso dia-a-dia, levando-nos à reflexão da importância do cuidado que devemos ter com o uso desnecessário dos vocábulos ingleses, a fim de preservar a Língua Portuguesa, conseqüentemente a nossa identidade cultural.

Muito se tem discutido a respeito da forte influência do inglês na língua portuguesa, e hoje, saber falar, dominar tal língua significa *status*, prestígio e conta muito como fator determinante na ascensão acadêmica, social e, principalmente, profissional.

É preciso que, nós, brasileiros, valorizemos a nossa língua vernácula, porque, nesse processo de estrangeirismo, corremos o risco de supervalorizar o que não é nosso, esquecendo nossas origens, nossa nacionalidade.

## 2, O ESTRANGEIRISMO NO BRASIL

No ano em que o Brasil foi descoberto, o idioma de Portugal sofria fortes influências do espanhol. O País recebia grande quantidade de estrangeirismos. A elite portuguesa tinha o hábito de usar palavras estrangeiras e até escrevia metade das obras em língua portuguesa, e a outra metade em espanhol – muitas vezes, somente em espanhol. Até mesmo Luís de Camões, poeta clássico por excelência da língua portuguesa, escreveu alguns poemas em espanhol.

No Brasil, a grande invasão do estrangeirismo começou na segunda metade do século passado, fundamentalmente pela língua francesa. Ela foi intervindo na elite intelectual e social a tal ponto que, até mesmo no início desse século, apresentavam-se peças no teatro com o original todo escrito em francês. Na platéia, havia os que compreendiam muito, os que entendiam apenas algumas palavras e aqueles que nada assimilavam, mas que compareciam porque isso dava *status*.

Depois que a invasão da língua francesa tornou-se muito evidente e começou a ser muito dominante, a gramática brasileira resolveu reagir. Os gramáticos e as escolas começaram a proibir o uso de galicismos (palavras, expressões ou construções francesas). Nessa época – lá pela década de 20 – também acontecia o mesmo em Portugal. Eça de Queiroz, grande escritor português, foi acusado de galicista pelos gramáticos.

Portugal tem reagido muito mais à penetração do estrangeirismo do que o Brasil. Por exemplo: mesmo usando calça *jeans* bem menos que os brasileiros, a juventude portuguesa fala ‘calça de ganga’.

A partir de 1945, quando terminou a Segunda Guerra Mundial, cresceu muito a influência da língua inglesa no Brasil. Os Estados Unidos destacam-se como a grande nação dominadora do mundo pelas forças políticas e econômicas; acentua-se a propaganda maciça pelo cinema, pelas canções, pelos produtos industrializados, alimentícios e outros mais. A introdução dos termos ingleses está se dando cada vez com mais força pela linguagem técnica da informática, televisão e propaganda.

Com a influência da cultura norte-americana e o avanço tecnológico, ocorre uma avalanche de palavras novas, fazendo com que um grupo de professores e alunos da Pontifícia Universidade

---

<sup>1</sup> Trabalho desenvolvido na disciplina Inglês do Curso de Letras da Universidade Católica do Salvador – UCSal, sob orientação da Professora Maria Telma Queiroz Britto.

<sup>2</sup> Acadêmicas do Curso de Letras Vernáculas e Literatura da Universidade Católica do Salvador – UCSal.

Católica do Rio Grande do Sul esteja produzindo um “Dicionário Essencial da Língua Portuguesa”, coordenado pelo professor Volnyr Santos, do Departamento de Letras Vernáculas.

Fazer um *check in*, ir ao shopping tomar um *milk shake* ou mover um *mouse* são expressões corriqueiras para milhões de brasileiros. Mas as palavras que denominam os objetos ou produtos não pertencem à língua portuguesa. Por isso, esta obra pretende converter esses termos invasores do idioma pátrio, aportuguesando a pronúncia e a escrita, em um dicionário que brevemente será lançado. Conforme a adaptação proposta, os brasileiros passariam a fazer um *chequin*, iriam ao *xópin*, tomariam um *milquicheiqui* e moveriam o *mause*.

As mudanças na grafia podem parecer estranhas à primeira vista, mas se trata do mesmo processo pelo qual já passaram palavras como iate (derivada do inglês *yacht*), lanche (do inglês *lunch*), abajur (do francês *abat-jour*) ou coquetel (do inglês *cock tail*). A diferença é que, antigamente, o número de estrangeirismos e a velocidade com que eles entravam na vida das pessoas eram menores, permitindo uma adaptação mais fácil dos termos importados pelo português. Não há tempo para sistematização da grafia, e as palavras de outras línguas acabam sendo utilizadas por nós na sua forma original.

“A língua é minha pátria”, já dizia o músico Caetano, em concordância com a frase “minha pátria é a língua portuguesa”, do poeta Fernando Pessoa. Segundo o escritor Oswald de Andrade, “a língua é a soma milenar de todos os nossos erros”. Para muitos e menos célebres pessoas, o idioma é como uma propriedade, um elemento intrínseco à cultura e à tradição de um povo. Tanto que, num primeiro momento, incorporar termos estrangeiros equivaleria a um adultério ou a um furto de um objeto pessoal.

O interessante disso tudo é que as palavras estrangeiras que são muito usadas por nós passam por tantas mudanças que, algum tempo depois, começamos a integrá-las no léxico da língua portuguesa, esquecendo que elas vieram de outras línguas. Mudamos a maneira de pronunciar o vocábulo estrangeiro, mudamos a maneira de escrevê-lo, colocamos-lhes desinências de plural ou de feminino (quando são substantivos ou adjetivos), de passado ou de futuro (quando são verbos). É o chamado processo de aportuguesamento. Por exemplo, uma palavra como *xerox*, tem sua origem em uma palavra inglesa e representa a marca de uma máquina foto-copiadora. Esta palavra passou a ser usada entre nós para representar a cópia tirada pela mesma (“[...] vou tirar uma *xerox* deste documento [...]”) e, finalmente, aportuguesou-se, mudando sua sílaba tônica, que, na língua inglesa, era *xerox*, passando a *xerox* na língua portuguesa. Daí, também, ocorre com o verbo da mesma procedência: *xerocar*.

Também nos empréstimos ingleses podemos mencionar o uso, na sintaxe, da antecipação de um adjetivo a um substantivo, por exemplo: Rio Hotel, Copacabana Hotel e não Hotel Rio ou Hotel Copacabana.

A presença de uma língua estrangeira vernácula é processada de acordo com a influência que um país exerce sobre o outro, é o chamado poder que predomina a “língua de outro”. Segundo Maria de Lourdes Siqueira, professora da UCSAL, mestre em Língua Portuguesa pela PUC/RJ, entrevistada recentemente pelo Jornal ATARDE no dia 24/03/02, salienta: “[...] a incorporação de palavras estrangeiras faz parte do processo natural da evolução de uma língua [...]”. E que “em décadas passadas, a preocupação dos gramáticos era com os empréstimos do francês. As gramáticas relacionavam palavras francesas que deveriam ser substituídas por equivalentes. Não adiantou tal repulsa aos chamados galicismos, nem tampouco essa listas indicadas pelos gramáticos evitaram a incorporação dos gálicos, como é o caso do já consagrado ‘abajur’ do francês *abat-jour*”.

O elemento mais marcante da nossa identidade nacional reside justamente no fato de termos um imenso território com uma só língua, plenamente compreensível por todos os brasileiros de qualquer rincão, independentemente do nível de instrução e das peculiaridades regionais de fala e escrita. É um autêntico milagre brasileiro e está, hoje, seriamente ameaçado.

Em 1999 foi criado o Movimento Nacional em Defesa da Língua Portuguesa (MNDLP), a partir do projeto de lei apresentado à Câmara Federal pelo deputado Aldo Rebelo. O projeto traduz a preocupação com a descaracterização da língua portuguesa e pretende motivar e levantar debates em vários níveis culturais e sociais de todos os Estados do País. Na capital baiana, existe desde

1991 uma lei contra o estrangeirismo. A sociedade pode somente utilizar nomes em língua portuguesa na designação de loteamento, conjuntos residenciais, edifícios, etc. A exceção prevista é para palavras em língua africanas ou indígenas brasileiras.

Assim, estamos assistindo a uma desvalorização da língua portuguesa. Isso vem ocorrendo com rapidez, comprometendo a comunicação oral e escrita com o nosso homem simples do campo, não habituado às palavras e expressões importadas, em geral do inglês norte-americano, que domina nosso cotidiano, sobretudo na produção, no consumo e na publicidade, produtos e serviços, que nos chegam pela informática, pelos meios de comunicação de massa e pelo modismo em geral.

Uma pesquisa de campo feita pela professora de Inglês do Instituto de Letras da Universidade Católica do Salvador-UCSal, Maria Telma Queiroz Britto, em diversas zonas comerciais da cidade de Salvador, constatou-se que as áreas de maior incidência do estrangeirismo se concentra em áreas comerciais em que se encontra um público de maior poder aquisitivo: os “shoppings”, representando um sinal de *status* na nossa sociedade brasileira, com um caráter, muitas vezes, discriminatório, causando até certas barreiras capazes de segmentar preconceituosamente determinados grupos de consumidores.

### 3. CONCLUSÃO

O idioma é o principal traço cultural de uma sociedade. Ele possui riquezas e peculiaridades culturais que delimitam grande parte das diferenças entre as distintas nações do mundo.

Ao abdicarmos do uso da Língua Portuguesa em favor de outro idioma, estamos abrindo mão de boa parte de nossa soberania cultural.

A inclusão da Língua Inglesa no currículo escolar (processo de endoculturação) estaria tendo um reflexo mais positivo na sociedade, se houvesse a conscientização da sua utilização, pois é visível a forma inconsciente que a população faz desta língua e o exagero. Com isso é nítida a aculturação do povo, que eleva tudo o que é importado e a **desvalorização** da Língua Portuguesa.

O contato entre as classes sociais não está sendo completo, já que somente a classe alta utiliza com mais frequência essas palavras e as manipula. A classe baixa não consegue nem decifrar os rótulos de produtos em inglês, mas aceita esta imposição.

Melhorando o sistema educacional, a população tomará consciência do que seria o estrangeirismo, optando por danoso ou saudável, senão assistiremos a uma descaracterização da Língua Portuguesa.

### 4. REFERÊNCIAS

André, Hildebrando de. **Gramática Ilustrada**. São Paulo: Moderna, 1990.

A TARDE (jornal diário). Salvador, 24.03.02.

DUBOIS, Jean et alii. (1993). **Dicionário de lingüística**. SP: Cultrix, 1990.

Folha de São Paulo, (jornal diário). São Paulo, 29.03.01.

Internet. Página do Movimento Nacional em Defesa da Língua Portuguesa.

SILVEIRA BUENO, Francisco. **Dicionário da Língua Portuguesa**. São Paulo: Didática Paulista, 1998.